

Correio Braziliense – 05/11/2007

Opinião

Corrida pela energia

Há uma disputa mundial pelas fontes de combustíveis e o Brasil, que já teve fartura de geração, perdeu a vantagem comparativa

Por Raul Pilati

raul.pilati@correioweb.com.br

A redução no fornecimento de gás natural para o Rio de Janeiro e São Paulo feita pela Petrobras na semana passada é sintoma de problemas maiores, muito maiores. A questão não é se vai haver gás para as indústrias paulistas e para os motoristas cariocas. O problema é se vai haver energia elétrica para todo o país.

Somos energia-dependentes, em todas as suas formas. Viajou no feriado? Usou gasolina, álcool ou querosene de aviação. Assistiu à TV, escutou rádio? Mais energia. Para escrever este artigo, imprimir e distribuir o jornal? Dá-lhe energia. E, se falta, cai a produção, a economia desanda. No Brasil hoje não existe gás para todos que precisam: ou ele é usado para gerar energia, ou para produzir, se deslocar, aquecer etc. O país consome 50 milhões de metros cúbicos por dia e, para atender todas as aplicações, seriam necessários mais 18 milhões.

Do jeito que vai, o discurso do governo de que o abastecimento de energia está assegurado se mantém cada vez menos em pé. Se tivermos um novo apagão – como apregoam alguns analistas do setor –, o desconforto não será apenas de desligar alguns eletrodomésticos. O pior é que o crescimento econômico seria abortado. Como aconteceu em 2001, quando vivemos o famoso apagão elétrico do governo Fernando Henrique Cardoso. Vínhamos de um bom desempenho econômico em 2000, e era esperado um novo ciclo de expansão de investimentos e empregos. Demos com os burros n'água.

Contas diferentes

Quando o Brasil viveu aquela crise, o ajuste foi até simples. Mostrando a competência que lhe faltou para evitar o apagão, o governo tratou da questão de forma direta e franca: não havia energia para todo mundo, então, teríamos de consumir menos. Todo mundo reclamou, mas acabou desligando eletrodomésticos e ajudando o país a sair da crise. O setor produtivo também cortou o consumo e, portanto, reduziu a produção, os investimentos, a abertura de vagas e o PIB.

Isso pode acontecer de novo, mas uma crise energética agora seria muito mais complicada de ser superada. Por enquanto, vivemos um conflito de versões. Os que mandam no pedaço – a ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, o ministro de Minas e Energia, Nelson Hubner, o presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) e o presidente da Petrobras, Sérgio Gabrielli – dizem que o abastecimento está garantido e não teremos problemas. Segundo Tomalsquim, a ameaça de falta de energia é de 5% e somente para 2011, o que é uma margem de risco normal.

Mas há um grupo cada vez maior de pessoas que fazem contas diferentes. O **Instituto Acende Brasil**, que reúne grandes consumidores e é chamado pelo governo de alarmista, afirma que o risco de desabastecimento chega a 9% em 2008 e cresce nos anos seguintes. A Vale do Rio Doce já manifestou séria preocupação com a ameaça de desabastecimento. A Alcoa suspendeu a construção de uma nova linha de produção de alumínio porque não confia que terá energia.

Aposta na escassez

Uma das maiores distribuidoras de energia do país, que abastece uma área altamente industrializada, afirma que a ameaça de faltar energia é de nada menos que 25% a partir de 2009. Ou seus técnicos são loucos, ou o governo esconde a realidade. Independente da versão oficial, a empresa leva seu diagnóstico tão a sério que está procurando parceiros para criar fontes alternativas de energia e aproveitar o óbvio: ganhar muito dinheiro na escassez.

A situação enfrentada pelo país é resultado das decisões dos últimos governos. Para reduzir a dependência da geração hídrica, resolveu-se investir no gás. O acordo com a Bolívia trouxe o combustível. Como o contrato é de pagar pelo produto mesmo que não fosse utilizado, optou-se por estimular o consumo. Indústrias, comércio e motoristas investiram, animados por incentivos governamentais.

Apesar da demanda crescente, a Petrobras estabeleceu como alvo a auto-suficiência em petróleo, deixando em segundo plano a exploração das nossas reservas de gás natural. O prejuízo ficou para o país. A estatal se deu bem vendendo o gás – que deveria garantir a produção elétrica das térmicas – para outros consumidores. Quando o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) mandou ligar as usinas, cadê o combustível? Foi preciso cortar das distribuidoras, como vimos na semana passada.

Como foi incompetente para aproveitar na velocidade necessária os recursos energéticos de que dispõe, o Brasil vai ter que entrar na briga pelas fontes em outros lugares. E há muita gente nessa corrida. A China se tornou um sorvedouro de combustíveis que rivaliza com os maiores consumidores do mundo, os Estados Unidos. Uma das idéias do governo é trazer gás liquefeito da África. Bem, os chineses também querem comprar dos africanos. Há uma disputa mundial pelos combustíveis, como atesta a escalada de preços do petróleo, que encosta nos US\$ 100 o barril.

Resumo da lei de mercado: conforto e produção vão ficar mais caros por causa da energia.

Raul Pilati é editor de Economia